

# COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 8

## Parte Litteraria

### CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINÁ OITAVA

**Julio da Gama.**

A vida é um subterrâneo, onde lê-se  
inscrições.... e nada mais.

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS. pagina se-  
gunda.

Ha nomes que se não esquece, ha glorias que brilhão atravez do escoar dos tempos, estas e aquelles reflectem no coração dos povos lembrando-lhes um passado as vezes amargo, luctuoso e triste, e esses nomes e essas glórias immortalisados no infortunio perdurão e perdurão sempre commovendo e sempre arrancando dos labios das futuras gerações uma phrase de louvor ou admiração, é porque esses nomes pertencem a entes, fadados pelo destino, e que caminheiros na vida dormitão nos sepulchros quando devião brilhar por entre as luzes do seculo e quando suas virtudes serião os espelhos, onde mirárião-se os demais convivas da existencia, é porque essas glórias ganhas pelos labores, onde a intelligencia ampliou-se altaneira, como o adejo brilhante da aguia e modesta, como a acuceña dos valles, são outros tantos quadros d'um perpassar horrido e tenebroso nas bacchanæs do seculo, e quem sabe se não revelão o recato da virtude, quebrando os grilhões da matéria, para esvoaçar em arcos mais livres e mais puros?

Julio Gama é um nome, é uma gloria :

Um nome — que significa talento, e que traduz acerba agonia.

Uma gloria — que nos annuncia — a lucta contra os enganos do seculo, a luta do orphão contra os lascivos amplexos da sociedade e finalmente immortal épopeia de sua vida.

Julio da Gama sorriu-se para a tempestade, que abandonara-o só no deserto das afflictões, sorriu-se; porque sua alma gastava-se nas agonias moraes, que matão insensivelmente e que pouco a pouco destroem as rosas tremulas de nossas aspi-

rações, sorriu-se; porque já não tinha lagrimas — e, quando n'essas noutes geladas, em que na solidão seu pensamento procurava seus progenitores — virão-no procurar nos olhos uma lagrima, que é a consolação dos afflitos, e essa mesma saltar-lhe... é horrivel ver-se, na primavera da vida, desapparecer da terra nossos paes, lutar-se contra as intempéries dos tempos, arrostrar-se braço a braço com o mundo, querer-se chorar e não poder.... Todos os tormentos, todos os soffreres desaparecem ante tão triste sorte — é um peregrino perdido em escura floresta não vendo — senão a morte e procurando ainda devisar nos troncos nodosos dos arvoredos um guia ou phanal.

JULIO DA GAMA era poeta.

O poeta tem coração — e o coração morre submerso ao calor dos infortunios ou ao gelido basejo da miseria — poeta cantou e seu coração estallou como estalláron uma por uma todas as cordas de tão melodiosa lyra, poeta deixou nas laudas dos entes — genios e infelizes — sua biographia febril; poeta da tempora gigantea d'esses cysnes alvos, que se espanejão nas margens dos rios, esvoaçou para melhores regiões; porque suas asas borrifavão-se no lodo da sociabilidade e porque seus cantos feneção como feneçem as flores aos raios do sol.

O poeta é quasi sempre infeliz.

O auctor da *Divina Comedia*, sentado nos marcos das estradas, abraçado á eburneo plectro e tendo aos pés a espada e os louros immarcessiveis do *Campoldino*, — é mais brilhante do que esses potentados da terra calcando os direitos de humanaidade e endecosados ainda por vendidos entes; *Camões* deitado em uma esteira n'um hospital recorda-nos um passado de floridas reminiscencias, a ingratidão dos povos e o heroismo do talento; nem o CANTOR DOS LUSIADAS nem DANTE forão esquecidos sel-o ha Julio da Gama ?

Estamos certos que não ; que porém importa ao mundo que não respeita os dictames mais sacros, que vomita imprecações contra os deveres qué nos impõe a Moral, que Julio da Gama se suicidasse? é caso novo? porque não amaldiçoâmos Chatterton; porque não execrâmos a memoria de Catão e tantos outros.

## Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

*Manoel Antonio Major*

PARTE PRIMEIRA

IV

O primeiro lance d'um miseravel

(Continuação do numero antecedente)

lhe o cerebro em turbilhão e só apoz a meditação é que o galé de Smolensk vestio-se de official russo e enganou solemnemente ao homem mais perspicaz do seculo; enganou-o sim; porque, na batalha de Moscowa, elle foi apresentado ao imperador por Ney, como o flagello dos russos, e como um raio; durante a desastrosa campanha da Russia e nas duas campanhas da Alemanha, sua coragem e dedicação foi tão grande, que em Leipzich foi agraciado com a Legião de Honra e feito coronel. Quando o imperador partiu para Elba, achou propicia a occasião e procurou pôr em execução o que concebera; porém ainda d'esta vez teve que esperar; pouco depois os Bourbons fugirão, e o Corso reappeceu para cahir em Waterloo, esperou e tornou a esperar; porém apenas soube que Luiz XVIII havia nomeado, duque de Niemen, ao filho d'aquelle, que encontrará cadaver em Smolensk, apresentou-se em França e procurou o ministro da guerra, o general Clark (que o conheceu durante o imperio) e obteve d'este licença para habitar Pariz, reva-

A imaginação do salteador reproduzia uma idéa de semelhança do Malstroem fervendo em seus redominhos continuos, as idéas invadirão-

Almas puras não podem e nem devem existir ao lado de almas corruptas.

Como, a escola historica da Allemanha, poderíamos dizer que o suicidio de Julio da Gama pertence ao fatalismo, como a escola historica de França inclinâmos a cabeça, e, reconhecendo o dedo da Providencia, não proferímos uma só palavra.

Se, a vida é um deserto sem luz, como disse um nosso poeta, se esse mundo convergendo-se para todos os pontos, se o lamento nos amargura, o pranto nos entristece, o riso insulta, a solidão nós é cruel; porque não se quebra o fio material e não vai-se até os pés do Eterno? e porque severos philosophos e severas theorias despedaçam-se nas provações da vida?

Larra escreveu muito contra o suicidio — e suicidou-se!

Tem-se visto doces sorrisos nos labios e tortuosos suspiros no coração: foi o que aconteceu com Larra; estigmatizou o suicidio para talvez agradar e quem sabe se, para não agradar, suicidou-se?

Catão d'Utica, antes de suicidar-se, leu o *Dialogo de Platão sobre a immortalidade d'alma*.

JULIO DA GAMA não suspirou, não ouviu-se seus labios murmurarem um ai — era porque seus olhos e sua alma fitavam- um alvo brilhante, volviam-se ao Eterno, e Este não pôde castigar os que soffrem; porque além de ser Justo é Misericordioso.

Voltaire debruçou-se, no seu leito de agonia, para remir-se de todos seus crimes.

Julio da Gamaolveu-se ao Eterno puro; porque fôra a guarda da pureza que o tornara infeliz, e foi puro apezar da sophisteria de philosophos que se contradizem, que se batem e que porfim patenteão-se irrisórios.

Ouviu-se o écho funebre dos sertanejos, que choravão a morte de Alvares de Azevedo.

Oaviu-se os soluços da mãe do *Cantor das Primaveras*.

E hoje suspiramos pelo filho das brasileiras plagas, que repousa em terras estranhas.

Infeliz mancebo ! ! .

Orphão ao alvor da vida! Nem ao menos uma mão amiga l'apertou a dextra ou recebeu o teu ultimo adeos!

Infortunado poeta! Nem a lua do Brasil pôde ir reflectir em seu túmulo através das casuarinas!

Sua vida foi um peregrinar — no peregrinar vê-se as chagas

lidação do posto de coronel, da condecoração ganha em Leipsich, então escreveu, ao duque de Niemen, um bilhete para uma entrevista, á qual, como nós sabemos, elle não faltou, ah! o coronel Seuthro (tal era o seu nome) contou que possuía uma carta, por meio da qual poderia negar a legitimidade do mancebo, e tornal-o plebêo e infeliz perante a sociedade; porém que, como em todas as causas, elle não era nem tão barbaro para desejar a desonra de brasões preclaros, por isso talvez concordassem em, na balança social, trocar essa carta por um equivalente.

Quem é mais miserável.... será Seuthro, que por um punhado de ouro consente que o crime frúa o alheio ou o duque de Niemen, que se reconhecendo sua ilegitimidade cuida destruir os documentos, que lhe poderão derrocar?

O miserável não é o larapio; porque é apenas o ente infeliz, não é o salteador ou aquele que negocia com certo meios ilícitos; o miserável é o rico que compra a honra da virgem, a desgraça do plebêo e que de

do mundo e procura-se melhor vida; Julio da Gama também viu e também suicidou-se.

Hosannas ao poeta e neniais ao mancebo, ó bardos brasileiros!

O Brasil escreve em seus calendarios mais um nome-a morte conta mais um soldado e nós menos um poeta. . . .

Ouve-se ternos threnos que repercutem através das invias florestas d'America, os rios murmurão como fallando lingoagem divina, estalão-se as lapidas dos sepulchros, e os filhos gloriósos do Brasil saudão Julio da Gama com estes versos do poeta de Mantua.

In freta dum fluvii current, dum montibus umbræ  
Lustrabunt convexa, polus dum sidera pascet,  
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

*Major*

## O Cura

A. D. Augusta Teixeira Lopes

(Traduzido de Lamartine)

Fuja essa turba vagabunda, fuja  
Que no seio d'amisade  
Não goza doces laços;  
Não ouça o meu canto lastimoso  
Estolido profano vulgo  
(*Da minha ode.*)

Ha um homem, em cada parochia, que não tem familia; mas que é da familia de todo o mundo, que chama-se como testemunha, como conselheiro ou como agente nos actos os mais solemnes da vida civil; sem o qual não se pode nascer, nem morrer, que toma o homem do seio de sua mãe e não o deixa senão na tumba, que abençoa ou consagra o berço, o thalamo conjugal, o leito de morte e o ataúde; um homem que os meninos se acostumão a amar, a venerar e a temer; que os desconhecidos mesmos chamão *meu pai*, aos pés do qual os Christãos vão derramar suas culpas as mais intimas, suas afflícções as mais secretas: um homem que é o consolador na situação de todas as misérias da alma e do corpo, o intermediario entre a riqueza e a indigencia, que vê o rico e o pobre baterem por seu turno á sua porta: o rico para deixar a esmola secreta, o pobre para receber-la sem corar; que não pertencendo a nenhuma dignidade social, pertence igualmente a todas as classes: ás classes inferiores, pela vida pobre e muitas vezes pela humilhação de seu nascimento; ás classes elevadas pela educação, sciencia e elevação de sentimentos, que

repente vendo aberto o abysmo de sua perdição, soffoca-o com as vagas ondulatorias de ouro.

A sociedade tem miseráveis e esses não são esses seres infelizes, a quem as privações, os sofrimentos e as desgraças hão atirado no charco do vicio; porque elles foram dominados pelo jugo da fome, que nos declara uma guerra viva e ouzada; os miseráveis, porém, os miseráveis verdadeiros occultão-se sob as vestes da hypocrisia e do fingimento o mais infame, e se quizerdes encontrar não um, porém mil, percorrei minuciosamente as classes nobres, que encontrareis o alvo de vossas investigações.

(Continua)

uma religião caritativa inspira e ordena; um homem enfim, que sabe tudo, que tem o direito de tudo dizer, do qual a palavra cahe, como por encanto, sobre as intelligencias e sobre as corações com a autoridade de uma missão divina e o imperio de uma fé poderosa! Este homem é o CURA.

*Castorino Penedo de Faria,*

## Parte Poetica

### Não sei mas sei.

A — M. de M. Carvalho.

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,  
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto;  
Mas sei que vivo, que te préso e muito,  
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,  
Nem sei expor-te o anhellar do peito;  
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,  
Sei que aos teus rogos viverei sujeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,  
Nem sei se a vida me será risonha;  
Mas sei que embora do porvir descreia  
Minh'alma é linda se contigo sonha.

Não sei se a brisa me trará perfumes,  
Nem sei se a lua do meu céo não dista;  
Mas sei que a aurora para mim desfronta  
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flores no existir de infante,  
Nem sei se ha fructos na estação de amores;  
Mas sei que existem sobre um chão de espinhos  
Meus cinco lustros de contínuas dores.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,  
Nem sei se ha prantos quando amor se gosa;  
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,  
Meu peito o lucto sem querer desposa.

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,  
Nem sei contar-te, quanto soffro e sinto;  
Mas sei que vivo, que te préso e muito,  
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Novembro de 1863.

L. FELIX.

### Bem sei

Maria, meu amor, quando captivo  
Se vive de uma imagem como a tua,  
O mundo não tem dores, é festivo;  
E a existencia de flôres não é nua!

O céo é todo azul, a mocidade  
É linda porque pensa no porvir!  
O coração palpita sem vaidade,  
E a alma de feliz vive a sorrir!

Mancebo e poeta, no correr dos sonhos  
Contemplando teu rosto eu me extasio!  
Oh! os dias, Maria, são risonhos  
Da brisa dos amores eu cicio!

Mancebo e poeta, dos teus olhos bellos  
No brilho seductor eu me abrasei!  
O perfume dos teus negros cabellos  
Em sonhos vaporosos respirei!

Creio em ti, como, em Deus, o peregrino,  
Ou o nauta que perto a morte vê!  
No sorris do teu labio purpurino  
Minh'alma de cantor ditoso crê!...

Bem sei que a sorte varia  
Te deu riqueza, e pobre  
Fez este peito nobre  
Que é teu, meu coração!  
Bem sei que secundaria  
É n'este infame abysmo  
De enganos, de cynismo,  
A minha posição!

Bem sei que embora séria  
A minha paixão seja,  
Oh! nunca o que deseja  
Minh'alma gosará!  
Bem sei que esta miseria  
Em que nasci e vivo,  
Teu rosto casto, divo  
De mim affastará!

Bem sei que louco, vario  
Eu fóra, se quizesse  
Que tua mão me desse  
Teu orgulhoso pae!  
Bem sei que solitario  
Eu devo n'este mundo  
Viver, e amor profundo  
Sentir, sem dizer — ai!...

Mas isso não importa! a juventude  
É bella mesmo assim sem esperança!...  
Hei-de amar-te, Maria! pois bonança  
Ha sempre na pobresa, se ha virtude!...

Hei-de amar-te, meu anjo; embora a sorte  
Contra os nossos amores se conspire!  
Sempre o mesmo serei, cante, ou delire  
Minh'alma de cantor aos pés da morte!

F. N.

### Aos Polacos

Valente povo de bravos,  
Que livres e não escravos  
Ante tyrannos ignavos  
Juravão sempre de ser;

Eu te saúdo o heroísmo  
Contra o fero despotismo,  
O santo patriotismo  
Que faz teu sangue verter!

Embora mil tyrannias  
Mil tormentos e agonias,  
Se exerçao todos os dias  
De exterminio e rigor:  
Defendendo a liberdade  
Nunca poder algum hade  
Encontrar felicidade  
De quebrar o teu valor!

Qu'importa que na miseria,  
Entre os gelos da Siberia,  
Busquem cortar essa arteria  
Do sangue teu a correr?  
Pela patria escravizada,  
Pelo tyranno esmagada,  
Tens a vida já contada  
Has-de sempre combater!

Soldados da nova crença,  
Que importa essa indifferença  
Com que a Europainda pensa  
Illudir tua esperança?  
Que importa a ti essa Europa,  
Que importa do mundo a tropa,  
Quando comtigo se topa  
O russiano que avança?!

Polacos! que importa a vida,  
Quando se a tem opprimida,  
Quasi de toda esvaidá  
Nos ferros da escravidão?  
De sangue um pouco, que importa  
Quando a patria quasi morta  
Se reanima e transporta  
Como a lava de um vulcão?

É um polaco na luta,  
Quer veterano ou recruta,  
Um heróe que só escuta  
Essa voz d'anciedade:  
Essa voz que estremecida  
Pelo tyranno opprimida  
Diz ó filhos dae-me vida,  
Nos braços da Liberdade!

Março de 1864.

*Dias da Silva Junior.*

### A mulher.

Aquella que sorrindo nos engana  
Se nos quer, um momento, a seus pés ver  
Que no cobre de beijos mil—impuros  
E de nós ludibria—é a mulher.

Criação de Satan, impia criatura  
Chamma do inferno a projectar de dia  
Es tú a tentação da nossa vida  
Que no sorriso nos dás—só agonia  
Só por acaso nas dores nos surp'hendem  
E se a morte por fim nos quer prender  
Quem sorrindo aumenta mais as dores  
Nos cravando o punhal—é a mulher  
Ente criado ao sopro de Satan  
Astro nublado a radiar no inferno  
Tu és aquella que ás mundanas fallas  
Dás n'um instante um valimento eterno  
Se acaso nos lançâmos ás orgias  
Para o nosso proprio ser ir corromper  
Quem nos impelle á embriaguez do vicio  
E ao crime nos conduz—é a mulher  
Bussola infida a nos guiar sem rumo  
Que nos oculta da virtude o trilho  
Es tú—mulher—emanação Satanica  
Astro do Averno de apparente brilho . . .

### A mulher.

(ANTITHSE.)

Aquella que sorrindo nos affaga  
Se chegâmos a luz do mundo ver,  
Que nos cobre de beijos e caricias  
Que nos sorri primeiro—é a mulher.  
Emanação de Deos—diva criatura  
Raio de luz a projectar nas trevas  
Es tú o nosso guia nesta vida  
Que com sacras meiguices nos enlevas.  
Se por acaso as dores nos surpr'hendem  
E se a morte por fim nos quer prender  
Quem com risos desfaz nossos tormentos  
E nos livra da morte é a mulher  
Ente criado ao divinal basejo  
Astro fulgente a scintillar no céo  
Tú és aquella que as mundanas fallas  
*Encobrir vens* com teu virginco vêo  
Se acaso nos lançâmos ás orgias  
Para o nosso proprio ser ir corromper  
Quem nos vai affastar das bacchanaes  
E ao templo nos conduz—é a mulher  
Bussola santa a nos guiar na vida  
Que nos ensina da virtude o trilho  
Es tú, mulher, emanação de Deos  
Astro celeste de perenne brilho!

*Gualberto Pecanha.*